

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

FOME NA IRLANDA

Transporte . . .	85000
Um peccador . . .	500
P.º E. do Funchal . . .	25500
Dois Padres da Madeira . . .	25000
P.º Francisco dos Santos Cunha . . .	15000
R. de J.	15000
D'uma senhora de Coimbra . . .	15000
Somma . . .	165000

(Continua).

SUMMARIO

A CAUDA DO JANSENISMO EM PORTUGAL, pelo P.º Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Encyclica de S. S. o Papa Leão XIII, acerca do Matrimonio.*—SECÇÃO SCIENTIFICA: *Mr. J. B. Dumas na academia franceza.*—SECÇÃO LITTERARIA: *Coisas*, por um vimaranense; *Victor Hugo e as suas theorias*, pelo Prior Graça; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinnes, versão de J. de Freitas. (continuação)—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Os Anjos do Lar*, pelo P.º Senna Freitas.—RETROSPECTO DA QUINZENA: por J. de Freitas.—ULTIMAS PUBLICAÇÕES: por A. Teixeira.

GUIMARÃES, 15 DE MARÇO

A CAUDA DO JANSENISMO EM PORTUGAL

Ninguem ha ali hoje que ignore que o jansenismo, nado no seculo XVII e finado nos principios do seguinte, foi uma heresia que teve por fautor, talvez involuntario, Jansenio, bispo de

Ivres (1), por base o seu livro *Augustinus*, em que elle pretendia haver synthetisado toda a doutrina da Agnia d'Hiippona sobre a graça, e por legitimos iniciadores os theologos leigos de Port-Royal com Saint Cyran á frente.

Poucas vezes teve a Igreja que arcar com uma heresia mais cavillosa na sua doutrina aparentemente patristica e puritana, mais arteira nos meneios empregados pelos seus sectarios.

O jansenismo ensinava: 1.º, que alguns mandamentos do Decalogo são impossiveis aos homens justos, porque lhes falta a graça que os tornaria possiveis, 2.º, que no estado de natureza degradada nunca se resiste á graça interior, 3.º, que para merecer e desmerecer no estado de natureza degradada não se requer no homem a liberdade que exclue a necessidade, mas basta a liberdade sem coacção, 4.º, que os semi-pelagianos eram hereges em pretenderem que seja possivel resistir á graça interior, 5.º, que é incorrer no erro do semi-pelagianismo o sustentar que Jesus Christo morreu ou derramou o seu sangue por todos os homens em geral.

Além da parte propriamente dogmatica, o systema jansenista

(1) O livro de Jansenio, onde se continham proposições, que seriam mais tarde o fundamento do jansenismo, intitulava-se como acima se diz *Augustinus*; o seu auctor nunca o publicou, e submetteu-o por sua morte á Santa Sé. Foram os seus testamenteiros, Fromont e Caleno, que o publicaram, e só de então por diante pego a fermentar a seita.

comprehendia na sua synthese uma parte theologico-moral, ou se mais se quizer, sacramental.

Tendia, sob pretexto de respeito para com a Sagrada Eucharistia, a requintar *ultramodum* as disposições necessarias para a recepção do corpo de Christo e a distancear assim os fieis da meza Eucharistica. Consubstanciava-se quejanda theoria no livro—A *Frequente Communhão* de Arnauld,—e espaldava-o ess'outro livro de Pascal—*Cartas a um Provincial*—, cujas paginas estão a cada passo regunhando, atravez das invectivas desfechadas contra a Companhia de Jesus, o rigor satanico da seita sobre a legitima recepção da absolvição sacramental.

E' sabido que o esclarecido padre Nouet pulverizou o libello de Arnauld, convencido de doutrina desoladora para as almas, e que emquanto ás *Provinciaes*, assim o Papa, como o Concelho d'Estado, os parlamentos e os bispos lançaram o anathema sobre ellas. Embora não estejam no *Index*, são um monumento de má fé, do qual dizia Racine, aliás port-royalista: «que são ellas senão uma comedia?», e o famoso Arouet, vulgò Voltaire: «Verdade é que todo este livro é um aleijão. Attribute a toda a Companhia opiniões extravagantes d'alguns jesuitas hespanhoes e flamengos.» E' todavia incontestavel que ambas estas obras de sectarios causaram um mal consideravel em França e fóra d'ella. Infiltrou-se o seu espirito nos tractados de muitos theologos e na casuistica de muitos confesores da

epocha. Creou-se um ascetismo, resabiado de severidade excessiva, que envolvia os espiritos timoratos no bioco de uma piedade brahmanica, triste como a morte, inexoravel como um aresto de cacique; e ao mesmo passo que as consciencias se povoavam de escrúpulos spectraes, despovoavam-se os altares de commungantes.

O jansenismo, como systema dogmatico, está morto e bem morto. Quem agora lhe quizer saber a historia tem de ir excavar na necropole das heresias extinctas até bater com o alvião na ossada de Arnould, Saint-Cyran e d'Andilly. Quiz sobreviver por enxertia no gallicanismo, identificando a sua existencia com a de uma opinião de ruim nota, aparentada na sua indole com a da seita de Jansenio.

Poude assim arrastar-se mais alguns annos, escondido entre as pregas das fardas dos ministros de Estado, e as dobras dos reposteiros dos parlamentos. As manhas aristocraticas nunca as perdeu. Vem-lhe isso de nascença. Sempre gostou de se agarrar ás abas dos diplomatas e até, em casos de apuro, ás caudas das Pompadours. O Concilio Vaticano desferio o golpe de misericordia ao gallicanismo, sem que nem este deixasse filhos, nem o jansenismo netos d'onde enxameassem nova linhagem.

A seita, pois, repito, como doutrina expirou, nem ressuscitará mais, penso eu. Mas como influencia, como norma pratica na administração dos sacramentos, não me parece que esteja completamente morta. Não, não o está. Quero agora referir-me apenas ao nosso paiz, e não hesito em consagrar a tal assumpto o presente artigo de fundo.

A cauda do jansenismo ainda por ahi apparece, cerceada talvez como a do cão d'Alcibiades, mas sempre daminha como a do lacrau. O rigor-ultra que ma-

nifestam certos velhos parochos na imposição das penitencias sacramentaes, nas disposições requeridas para a receção da absoção, e designadamente da sagrada Eucharistia, dá, ainda mal, razão mais que sufficiente a este reparo.

Ahi pelos tristes tempos do padre Antonio Pereira, José Liberato, Mello Freire, (todos elles delambidos pelo espirito da seita), e ainda posteriormente, o curriculum dos estudos ecclesiasticos era defficientissimo, ao menos fóra da Universidade (na Universidade continúa a ser o da Moral): a parca theologia que se ensinava era gafada de virus jansenista. Muitos dos actuaes parochos, hoje septuagenarios, estudaram por Bailly (posto no *Index* por decreto de 7 de Dezembro de 1852); beberam-lhe a eiva, e não tomaram triaga alguma depois d'isso. Guardaram os principios toxicos da casuistica que então reinava, transplantada do tractado da *Frequente Communhão*, e da *Theologia Familiar* de Saint-Cyran (posta no *Index* pelo Papa Innocencio X, por decreto de 23 de Abril de 1654) para a theologia philo-jansenista do seculo passado, e principios do actual. São, por tanto, sem osaberem nem quererem, o transumpto, a expressão, a hypostase, por assim dizer, d'essa moral rigorista, tão avessa á indole benigna da Igreja, á verdadeira piedade, á utilidade dos fieis, e á doutrina corrente do equi-probabilismo de Santo Affonso de Ligorio, cuja *Theologia* monumental foi approvada por oito Papas (se a memoria me não falha) e expressamente elogiada por Pio IX na sua Carta de 7 de Abril de 1847, dirigida a Pedro Scavini.

Já agora digamos toda a verdade com toda a izempção. O mesmo espirito que presidiu á confecção de algumas senão de todas as nossas *Constituições do Bispado* resente-se soffrivelmen-

te do virus jansenista, e da severidade dos theologos filiados no rigido probabiliorismo de Concina e Collet.

Ainda bem que as mencionadas *Constituições* não estão mais em vigor em muitos pontos, aliás seria, por exemplo, illicito aconselhar no Porto a communhão frequente ás pessoas piedosas, pois a *Constituição* d'aquelle bispado só permite o receber o corpo de Christo uma vez por semana, o que não é o que se chamã communhão frequente, conforme Santo Affonso de Ligorio, Scavini, Guryetc; seria illicito conceder a primeira communhão aos menores de quatorze annos, embora já dos sete ou oito por diante tenham uzo de razão e possam estar sufficientemente instruidos, porquanto a *regra* estabelecida a este respeito pela *Constituição do Bispado* de Braga é que a sagrada Eucharistia se ministre pela vez primeira aos meninos que já tiverem attingido a idade de quatorze annos, permitindo-se só como excepção o contrario ás creanças... doutoras em theologia, passem-me a expressão.

Alguns, muitos dos velhos parochos ficaram estacionarios nos conhecimentos em parte viciosos que receberam. Os que não venderam o seu Bailly, o seu Larraga ou as suas magras ementas de theologia emmalaram-os ao regressarem dos estudos á casa paterna, e entalaram-os entre um volume truncado dos sermões de Massillon, e uma horripilante traducção do—*Gozo de si mesmo*—de Caracioli. E' possivel que de vez em quando espauem a basta poeira e reatem relações com esses amigos do estudantado. O mais das vezes não é o que succede; Bailly e Larraga não tem a temer que os accordem do seu somno, e até ao clangor da tuba apocalyptica podem dormir *in pace*. Pois durmam á ventade, que

não serei eu que metterei empenhos para que os estremunhem.

Mas o que é para lamentar é que n'essa pequenissima livraria do presbyterio, n'esse desvão da alcôva, onde jaz encantonado todo o cabedal scientifico do parochio d'aldeia, não se abra uma nesga, um agulheiro para n'elle inserir a *Theologia Moralis Universa* de Santo Affonso, o principe da Moral, ou pelo menos o excellente *Compendium* de Gury, que não é mais que o breviário da theologia do santo. Ali encontraria o padre, ali beberia em fonte pura e caudal os principios praticos, seguros, equidistantes do rigorismo desesperador e do laxismo temerario, que devidamente o dirigiriam em todas as emergencias relativas ao exercicio do seu ministerio, e mórmente na administração da Penitencia e da Eucharistia.

O que de tudo isto promana é o que por ahi se está vendo nos diferentes bispados do reino e mais talvez no norte. A antiga geração ecclesiastica (e queira Deus que a nova lhe não siga a pista!), divorciada com a sciencia moral, mal entrelembrada das noções colhidas ha mais de 30 ou 40 annos no seminario, só conservando d'ellas o bastante para não ignorar e sim errar; afferrada com uma tenacidade inflexivel ao seu auctor e á sua pratica, e refugando quaesquer auctoridades ou praticas em sentido contrario; a antiga geração ecclesiastica, digo, exerce sobre as consciencias uma pressão tirante a despotica, desnatura-lhes a verdadeira devoção, torna-lhes os sacramentos odiosos, atrophia-lhes toda a elasticidade do coração nas aspirações da virtude, retém os espiritos delicados e ardentes no andar terreo da espiritualidade sem lhes permittir lançar-se nos braços d'esse Deus d'amor que as chama e lhes diz debalde: so-be mais alto. Contacto indefini-

do e violento de dous entes que se não comprehendem, que se não podem coadunar, que vem de dous mundos oppostos, e que por cumulo de desventura, se reunirão talvez no mesmo termo, algóz e victima, confessor e penitente, no termo do desespero! Impoem-se penitencias onerosissimas, recusa-se a absolvição por uma simples recachida, levam-se semanas e mezes a fazer confissões geraes, que por maiores que sejam, se podem acabar, regra geral, em uma ou duas secções, não se permite a communhão mais que hebdomadaria, prefere-se o systema do terror, e a exprobração fulminante ao conselho amigo, á palavra doce e insinuante que penetra no coração humilhado como um elixir e como um balsamo medicinal etc.

A isto chamamos a cauda do jansenismo entre nós; contra isto protestamos vigorosamente e com todo o interesse que nos merecem as pobres victimas do rigorismo, muitas d'ellas dignas de uma direcção mais intelligente.

Collegas no sacerdocio, e vós sobretudo que tendes cura d'almas, detestai o laxismo (outro escolho formidavel do nosso ministerio) mas, permitti que volo diga, detestai não menos a severidade, que sempre foi uma imprudencia, e em nossos dias é uma insensatez inqualificavel. Não queiramos dar-nos por mais virtuosos que S. Francisco de Salles, e elle dizia; «antes quero ser um dia julgado por ter sido indulgente que rigoroso demais, porque se Deus m'o exprobar no seu juizo, eu lhe poderei responder: vós primeiro me destes o exemplo, Senhor.»

A alma do sacerdote deve ser de ferro por dentro, para elle, de arminho por fóra, para o proximo.

P.º SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

A ENCYCLICA ACERCA DO MATRIMONIO

Afiacados ás mais fortes alavancas que infelizmente estão ás suas ordens, os revolucionarios de todos os paizes do mundo civilisado, tentavam derrocar o mais bello edificio da sociedade humana, lançando por terra o famoso alicerce sobre que elle se ergue magestoso á desenove seculos — o matrimonio.

Das columnas dos jornaes passaram ás paginas dos pamphletos, e d'estes para as tribunas parlamentares. Secularizar o matrimonio, tornal-o um contracto puramente civil, afastando d'elle o padre, que o santifique em nome de Christo, eis o fim dos demolidores de sociedade.

Mas em meio do estrondear da revolução; atravez do vozear da turba infreno, descrente, athea, ressoou a voz do Papa e tudo emmudeceu.

Tudo emmudeceu! Uns, os verdadeiros crentes para só deixarem ouvir a voz do representante de Jesus Christo; outros, os atheus, os demolidores de tudo quanto existe na terra do magestoso, de grande, de santo para se esconderem envergonhados e tentarem contra o que desenove seculos teem reverenciado.

Nós, que somos dos primeiros, que somos filhos submissos do Vigario de Christo na terra, emmudecemos tambem para dar logar á famosa

ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

PELA DIVINA PROVIDENCIA PAPA

AOS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS DE TODO O ORBE CATHOLICO EM GRAÇA E COMMUNHÃO COM A SANTA SÉ APOSTOLICA

A todos os nossos veneraveis irmãos, patriarchas, primazes, arcebispos e bispos do orbe catholico em graça e communhão com a santa sé apostolica

LEÃO XIII PAPA

VENERAVEIS IRMÃOS

SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

O mysterioso designio da Sabedoria Divina, que Jesus Christo, Salva-

dor dos homens, devia realizar sobre a terra consistia em restaurar divinamente por elle o n'ello o mundo tocado e consumido pela velhice e decadencia. E' isto o que o Apostolo S. Paulo condensava n'uma bella e sublime phrase, quando escrevia aos conversos de Epheso: *O segredo da Sua vontade... é restaurar no Christo todas as cousas que estão no ceu e na terra* (1). E na verdade, quando Jesus Christo, Senhor Nosso, quiz cumprir a missão que recebera de Seu Pai, imprimiu logo em todas as cousas uma forma e um aspecto novo e reparou tudo quanto o tempo fizera decahir. Sarou as feridas de que soffria a natureza humana, em virtude do peccado dos nossos primeiros paes; congraçou com Deus os homens tornados por natureza filhos da ira; conduziu á luz da verdade os espiritos fatigados por longos erros; fez renascer todas as virtudes nos corações gastos por toda a casta de vícios, e depois de ter dado aos homens a herança da felicidade eterna, deu-lhes a esperança certa de que os seus corpos mortaes e perecíveis participariam um dia da immortalidade e da gloria no ceu. E' afim de que estes insignes beneficios tivessem sobre a terra duração igual á do genero humano, instituiu a Igreja como dispensadora dos Seus dons e proveu ao futuro investindo-a da missão de restabelecer a ordem no seio da sociedade humana, quando e onde quer que ella fosse perturbada, e de levantar tudo o que viesse a decahir.

Com quanto esta restauração divina, de que fallamos, tivesse por principal e immediato objecto os homens constituídos na ordem sobrenatural da graça, contudo, os seus fructos preciosos e salutaes largamente aproveitaram tambem á ordem natural. E' por que os homens individualmente tomados, do mesmo modo que todo o genero humano, receberam d'ella um notavel aperfeiçoamento; por quanto, uma vez estabelecida a ordem de cousas, fundada pelo Christo, cada homem pôde felizmente contrahir o pensamento e o habito de ter confiança na providencia paternal de Deus e de se firmar na esporança dos auxilios do Altissimo, com a certeza de não ser enganado; e d'ahi derivam a coragem, a moderação, a constancia, a tranquillidade, a paz da alma, e finalmente, muitas virtudes eminentes e acções heroicas.

Quanto á sociedade domestica e á sociedade civil, é realmente assombroso vêr a que ponto chegaram em

dignidade, honra e estabilidade. A auctoridade dos principes tornou-se mais equitativa e mais santa; mais voluntaria e mais facil a submissão dos povos; mais estreita a união dos cidadãos; melhor garantido o direito do proprietario. A Religião christã soube velar e provêr tão completamente a tudo que é util aos homens, que vivem em sociedade, que parece, na phrase de Santo Agostinho, nada mais ter podido fazer para tornar a vida agradável e feliz, ainda que não tivesse tido outro intuito que o de proporcionar e augmentar as vantagens e os bens d'esta vida mortal.

Não é porém Nossa intenção tratar circumstanciadamente e a fundo este vasto assumpto: queremos simplesmente fallar da sociedade domestica, cuja base e principio é o *Matrimonio*

Todos sabem. Veneraveis Irmos, qual é a verdadeira origem do matrimonio. Posto que os detractores da fé christã recusem admittir sobre esta materia a doutrina constante da Igreja, e se exforcem ha muito tempo por destruir a tradição de todos os povos e de todos os seculos, nunca poderam todavia nem extinguir, nem debilitar a força e a luz da verdade. Recordamos o que é sabido de todos vós e que ninguem poderia pôr em duvida: tendo Deus no sexto dia da criação formado o homem do limo da terra e insuflado na sua face o sôpro da vida, quiz dar-lhe uma companheira, que maravilhosamente tirou do lado do mesmo homem em quanto elle dormia; quiz Deus com isto, na Sua alta Providencia que estes dous esposos fossem o principio natural de todos os homens e a fonte d'onde o genero humano deveria sahir e conservar-se através dos tempos por uma serie ininterrompida de gerações. E para que esta união entre o homem e a mulher melhormente se harmonizasse com os Seus sapientissimos designios lhe imprimiu desde esse dia, á maneira d'um sello e d'um signal, duas qualidades principaes, nobres entre todas as outras, a saber: *a unidade e a perpetuidade.*

— E' isto que vemos declarado e abertamente confirmado no Evangelho pela divina auctoridade de Jesus Christo, quando affirmou aos judeus e aos Apostolos que o casamento, segundo a sua propria instituição, não deve ter lugar senão entre duas pessoas, um homem e uma mulher; que os dous devem constituir como que uma só carne e que o laço nupcial está pela vontade de Deus tão intima e tão fortemente ligado, que nenhum homem tem o poder de o desligar ou

quebrar. *O homem unir-se-ha á sua companheira e serão dous n'uma só carne. Por isso já não são dous, mas uma só carne. O que Deus uniu não o separa o homem.* (2)

Mas esta forma do matrimonio, tão excellente e tão elevada, começou pouco a pouco a corromper-se entre as nações pagãs, e até entre os hebreus pareceu eclipsar-se e obscurecer-se. Tinha-se na verdade introduzido entre elles o costume geral de permitir a um homem possuir mais do que uma mulher e quando, mais tarde, Moises, em virtude da dureza do coração d'elles, (3) teve a indulgencia de auctorizar a repudição das mulheres, abriu se a porta ao divorcio. — Com relação á sociedade pagã, custata a crêr a que grau de corrupção e de fealdade desceu o casamento, entregue ás ondas dos erros de cada povo e das mais ignobes e vergonhosas paixões. Viu-se que todas as nações mais ou menos olvidaram a noção e a verdadeira origem do matrimonio; e por conseguinte os casamentos foram regulados por meio de leis, que pareciam dictadas pelas razões de Estado, em lugar de serem conformes ás prescripções da natureza. Ritos sollemnes, inventados segundo o capricho e gosto dos legisladores, faziam que uma mulher tivesse o titulo honroso de esposa ou o nome ignobil de concubina, e chegou-se até a ponto de que a auctoridade dos Soberanos decidisse a quem era permitido o casamento e a quem não; prescripções estas legislativas, em grande parte contrarias á equidade ou até absolutamente injustas. Além d'isso a polygamia, a polyandria e o divorcio foram causa d'uma relaxação extrema no vinculo conjugal. Introduziu-se tambem uma profunda perturbação nos direitos e deveres reciprocos dos conjuges, tendo o homem adquirido propriedade sobre a mulher e repudiando-a muitas vezes sem motivo algum justo, ao passo que lhe ficava o direito de dar livre curso ás suas paixões desenfreadas. *frequentando os lupanares e convivendo com as escravas, como se fôra a dignidade e não a vontade que faz a culpa* (4). No meio d'estes desrogramentos do homem nada era mais miseravel do que a condicção da mulher cujo aviltamento era tamanho que quasi a consideravam como um instrumento adquirido apenas para satisfazer as paixões ou para dar uma posteridade. Chegou a ignominia e o

(2) Math. XIX, 5-6.

(3) Math. XIX, 8.

(4) Hieronym. Oper. tom 1, col.

(1) Ad Eph. 1, 9-10.

impudor a ponto de estabelecer-se um trafico, como para todas as outras cou-
sas venaes, de mulheres destinadas a
casamento (5); e ao mesmo tempo fa-
cultava se ao pae e ao marido o poder
de infligir á mulher a morte. A fami-
lia oriunda de taes consorcios vinha
necessariamente a ser propriedade do
Estado ou escrava do seu chefe (6),
a quem as leis permitiam não só a
faculdade de fazer e desfazer, con-
soante lhe aprouvesse, os casamentos
dos seus filhos, mas tambem de exer-
cer sobre elles o deshumano direito
de vida e de morte.

Mas todos estes vicios e todas es-
tas ignominias, que maculavam os ca-
samentos, encontraram em Deus a re-
forma e o remedio. Por quanto, Jesus
Christo Senhor Nosso, restabelecendo
a dignidade humana e aperfeiçoando
as leis mosaicas, fez do casamento um
dos objectos importantes da Sua solli-
citude. Com effeito honrou com a Sua
presença as bodas de Caná, na Gali-
léa, e tornou-as memoraveis pelo pri-
meiro dos Seus milagres (7). Em vir-
tude d'este facto parece que desde esse
dia o matrimonio começou a receber
um novo character de santidade. Em
seguida o Salvador restabeleceu o ma-
trimonio na nobreza da sua origem
primitiva, já reprovando os costumes
dos judeus com relação á pluralidade
de mulheres e ao uso que faziam do
repudio, já proclamando sobre tudo o
preceito de que ninguem ousasse se-
parar o que o proprio Deus uniu por
um laço perpetuo. Por isso, depois de
ter resolvido as difficuldades prove-
nientes da legislação das instituições
mosaicas, formulou, na qualidade de
Legislador Supremo esta Lei sobre o
matrimonio: *Em verdade vos digo que
todo aquelle que separar de si sua mu-
lher, excepto o caso de fornicação, e tomar
outra é adullero; e todo aquelle que
tomar a que foi repudiada, é adul-
tero* (8).

E todas as disposições que a Aucto-
ridade de Deus decretara e estabelecera
acerca do matrimonio, os Apostolos,
mensageiros das leis divinas, as con-
fiaram mais completa e explicitamen-
te á tradição e á escriptura. E já
agora devemos recordar o que, firma-
do no ensino dos Apostolos, *sempre
nos ensinaram os Santos Padres, os
concilios e a tradição da Igreja uni-
versal*, (9) isto é, que Jesus Christo
Senhor Nosso elevou o matrimonio á
dignidade de sacramento; que ao mes-

mo tempo Elle quiz que os conjuges,
assistidos e fortalecidos pela graça di-
vina, fructo dos Seus merccimentos,
alcançassem a santidade do mesmo
matrimonio: que n'esta união, admi-
ravelmente conforme ao modelo da
Sua união mística com a Igreja, tor-
nou mais perfeito o amor natural (10)
e estreitou mais intimamente, pelos
laços da caridade divina, a sociedade
indissolúvel por natureza do homem
com a mulher. *«Maridos, dizia S. Pau-
lo aos habitantes de Epheso, amas
vossus mulheres como Jesus Christo
amou a Sua Igreja, tendo-se sacrifi-
cado por ella, a fim de a santificar...
Os maridos devem amar suas mulheres
como ao seu proprio corpo; ninguem
odiou jámais a sua propria carne, mas
todos a nutrem e tomam cuidado por
ella, como fez Jesus Christo para com
a Igreja; e nós somos os membros do
seu corpo formados da sua carne e dos
seus ossos. Por isso é que o homem dei-
xará seu pae, e sua mãe, e se unirá á
sua mulher e serão dous n'uma só car-
ne. E' grande este sacramento, mas eu
digo que o é no Christo e na Igre-
ja* (11).

Da mesma forma nós sabemos pel-
los Apostolos que o Christo quiz que a
unidade e a estabilidade perpetua do
casamento, exigidas pela propria ori-
gem d'esta instituição, fossem santas
e inviolaveis para sempre. *«Aquelles
que estão unidos pelo matrimonio, diz
o mesmo Apostolo S. Paulq. eu precei-
tuu, ou antes é o Senhor quem o orde-
na, que a mulher se não separe jámais
de seu marido; e se vier a separar se
d'elle, permaneça sem se unir a outro
homem, ou reconcilie-se com seu mari-
do* (12). E ainda: *«A mulher está su-
geita á lei em quanto seu marido viver;
se elle fallecer, fica livre* (13). Por
todos estes motivos, o matrimonio apre-
sentou-se sempre como um grande
sacramento (14), honroso em tudo (15),
piedoso, casto, digno d'um grande res-
peito em virtude das cousas sublimes
de que elle é significação e imagem.

Mas a perfeição e a plenitude do
matrimonio christão não estão inteiri-
mente encerradas no que acabamos
de recordar. Porquanto, em primeiro
logar, a união conjugal veio a rece-
ber um fim muito mais nobre e ele-
vado do que antes, pois o fim que lhe
foi assignado não consistiu sómente
em propagar o genero humano, mas
tambem para dar filhos á Igreja, con-

*cidadãos dos Santos e familiares de
Deus* (16); isto é, a fim de gerarem
e educarem um povo para o culto e
Religião do verdadeiro Deus e de
Jesus Christo, nosso Salvador (17).—
Em segundo logar foram perfeita-
mente definidos os deveres de cada um
dos conjuges e exactamente determi-
nados os seus direitos, de tal sorte
que tem elles obrigação de nunca se
olvidarem de manter reciprocamente
grande e profundo affecto, de guar-
darem constante e mutua fidelidade
e de conservarem uma convivência
reciproca, dedicada e assidua. O ho-
mem é o chefe da familia e a cabeça
da mulher: esta, todavia, porisso que
é a carne da sua carne e o osso dos
seus ossos, deve submeter-se e obe-
decer a seu marido, não á maneira
d'uma escrava, mas na qualidade de
companheira, para que não falte nem
a honestidade, nem a dignidade na
obediencia que ella lhe prestar. E
cumpre que assim elle, que é o chefe
de familia, como ella que deve obe-
decer, tenham sempre presente a ca-
ridade divina no cumprimento dos seus
respectivos deveres, porque ambos os
conjuges são a imagem, um de Chris-
to, o outro da Igreja. *O homem é a
cabeça da mulher, assim como o Chris-
to é a cabeça da Igreja... Mas assim
como a Igreja está sujeita a Jesus
Christo, assim tambem as mulheres de-
vem estar sujeitas aos seus maridos
em todas as cousas.* (18) Pelo que res-
peita aos filhos, devem submeter-se
e obedecer a seus paes, honral-os e
veneral-os por dever de consciencia;
e por outro lado, os paes devem ap-
plicar todos os seus pensamentos e
cuidados em proteger seus filhos, e
sobretudo, em educal-os na virtude:
*Paes, educas os vossos filhos na dis-
ciplina e nos mandamentos do Senhor.*
(19) D'onde se deprekende que os
deveres dos conjuges são graves e nu-
merosos: mas estes deveres não só
se tornam supportaveis, mas até agra-
daveis para os bons consortes, por
effeito da virtude que recebem no Sa-
cramento.

Tendo, pois, Jesus Christo renova-
do e restabelecido com tanta perfeição
o matrimonio, entregou e confiou á
Sua Igreja toda a disciplina que o
deve regular. E a Igreja em todos
os tempos e em todos os logares exer-
ceu este poder sobre os casamentos
christãos e tem desempenhado essa
missão de maneira a mostrar que esse
poder propriamente lhe pertence, e
que não deriva de qualquer conces-

(5) Arnob. adv. Gent. 4.

(6) Dionys. Halicar. lib. II, c. 26, 27.

(7) Joan. II.

(8) Math. XIX, 9.

(9) Trid. sess. XXIV, in pr.

(10) Trid. sess. XXIV, cap. 1 de reform. matr.

(11) Ad Ephes. V. 25 et seqq.

(12) I. Cor. VII, 10-11.

(13) Ibid. V, 39.

(14) Ad Eph. V. 32.

(15) Ad Hebr. XIII, 4.

(16) Ad Eph. II, 19.

(17) Catech. Rom. cap. VIII.

(18) Ad Eph. V. 23-24.

(19) Ad Eph. VI, 4.

são dos homens, mas sim que lhe foi divinamente outhorgado pela Vontade do seu Divino Fundador. A atenta vigilancia e sollicitos cuidados que a Igreja sempre manifestou pela santidade do matrimonio e para manter intacto o seu verdadeiro character, constitue um facto, que, por demais conhecido, não carece de demonstração.

Com effeito, sabemos que o Concilio de Jerusalem condemnou os amores dissolutos e livres (20); que S. Paulo condemnou, por sua propria auctoridade, um habitante de Corintho como criminoso d'incesto (21); que a Igreja sempre repelliu e regeitou com energia sempre egual, as tentativas de todos aquelles que atacavam o casamento christão, taes como os Gnosticos, os Manicheus, os Montanistas nos primeiros tempos do christianismo e, nos nossos dias, os Mormons, os San-Simonianos, os Phalanterianos e os Communistas

Além d'isso, foi equitativamente restabelecido e egualado para todos o direito do matrimonio pela supressão da antiga distincção entre escravos e homens livres (22); foi reconhecida a egualdade dos direitos entre o homem e a mulher; porque, como dizia S. Jeronymo (23), *entre nós, o que não é permitido ás mulheres é igualmente vedado aos homens. e elles soffrem o mesmo jugo em egualdade de condição;* e estes mesmos direitos foram solidamente estabelecidos em virtude da reciprocidade da effeição e dos deveres; a dignidade da mulher foi firmada e reivindicada; foi vedado ao marido punir com a morte sua mulher adultera (24), assim como o violar a fé jurada, entregando-se á impudicicia e ás paixões. Egualmente são factos importantes a limitação com que a Igreja restringiu, tanto quanto era conveniente, o poder do chefe de familia, a fim de que em nada fosse quebrantada a justa liberdade dos filhos e das filhas que quizessem contrahir o sacramento do matrimonio; (25) o declarar nullos os matrimonios entre parentes e affins em certos graus (26), a fim de que o amor sobrenatural dos conjuges se derrame em mais vasto campo; ter velado cuidadosamente por afastar do matrimonio, tanto quanto

lhe ha sido possível, o erro, a violencia e a fraude (27); ter-se exforçado porque se mantenham intactos o sancto pudor do thalamo conjugal, a segurança das pessoas (28), a honra do matrimonio (29) e a fidelidade aos juramentos (30). Finalmente, a Igreja cercou esta instituição divina de tantas leis fortes e providentes que nenhum homem dotado de espirito recto pôde desconhecer que, até n'esta materia do matrimonio, o melhor guarda e o mais firme defensor e amigo da sociedade foi a Igreja, cuja sabedoria triumphou no decorrer dos tempos, das injustiças dos homens e das innumeradas vicissitudes sociaes.

(Continúa).

SECÇÃO SCIENTIFICA

Mr. J. B. Dumas, um dos mais illustres secretarios da Academia franceza, encarregado de responder ao discurso de admissão pronunciado no dia 15 de janeiro por Taine, proferiu as seguintes notabilissimas palavras, as mais eloquentes e sensatas que ha muito tempo se tenham proferido n'aquella corporação scientifica:

Senhor: um estranho incidente impõe hoje a um dos secretarios perpetuos d'Academia das sciencias o dever hospitaleiro de abrir-vos as portas d'Academia franceza. Quantos entre nossos collegas havia mais dignos d'esta honra, e melhor preparados para fazer o elogio dos raros merecimentos que de ha muito vos apontavam á sua escolha, a vós, um dos mestres da nossa litteratura! Os assumptos familiares de seus estudos, phylosophia, historia, linguas antigas ou modernas, critica, viagens, bellas-artes, não têm sido por ventura a occupação constante do vosso espirito encyclopedico?

Como se tivessis em vista deixar um rasto da vossa marcha nas diversas regiões em que se apraz a intelligencia humana, alargando ainda o vosso horizonte, nem tam pouco omittistes as que pertencem ao paiz da sciencia; percorrestes-las curiosamente, assimilando

do os symbolos que se consideram do dominio exclusivo dos sabios.

Não foi por uma vocação particular que vos entregastes á cultura das sciencias, bem o sei; um unico escopo tinheis em vista. Vendo o estudo da natureza elevar-se por formulas cada dia mais geraes, pensastes vós que nella existia um instrumento universal, applicavel á investigação de todas as verdades; e é d'este modo que o methodo scientifico, assignalando com o seu cunho a maior parte de vossas concepções, lhes traçou as linhas magistraes: dir-se-ia que quizeris antecipadamente motivar o meu papel n'esta sessão, provar que o acaso pôde mostrar-se intelligente e justificar a sua escolha.

Entretanto nunca perdestes de vista que, se á sciencia que procede da razão pertence revelar as maravilhas da natureza inanimada, importa reservar á poesia e á eloquencia, que emanam do coração, o privilegio de descer ao mais fundo da alma humana, fazer-lhe sentir emoções apaziveis, pintar paixões que a arrebatem, votar de-prezo á baixeza, e ao crime indignação.

O que luz em todas as vossas produções, a par da sympathia para com os altos talentos e consideração pela dignidade humana, é um saber immenso, um trabalho ao qual nada desalenta; uma linguagem apresentando aqui e ali o fogo da emoção, a clareza do bom senso, a marcha livre do improvisado, a precizão do mathematico e o traço do critico. As grandes e bellas qualidades litterarias e moraes aggregado da memoria illustrada do erudito, da sagacidade do phylosopho, e até do garbo d'um espirito brilhante, asseguraram um bem longo futuro ás vossas obras. Nascido ao pé de vastas florestas, conservastes sempre uma independencia de doutrina, que faz lembrar o proceder vigoroso d'um lenhador das Ardenes, penetrando com o machado na mão através das mattas, esmagando com os pés silvas e tojos, derribando aqui o carvalho altivo com a sua vasta ramagem, além o pinheiro ferido da flecha aguda, e procurando abrir por todas as partes caminhos largos, direitos e claros.

Senhor, logo desde principio fez epocha a vossa primeira produção. Uma dissertação em forma diante do arcopago da faculdade de lottras, sobre as fabulas de La Fontaine!

Que dizer de novo ácerca d'um assumpto tão batido? Não está por ventura na memoria de todos o seu texto? A vida do phylosopho amavel, do poeta sem egual, havia acaso guardado algum segredo que nos fosse vedado revelar? Vós o julgareis, e n'esta obra apparecem com effeito pela primeira vez a doutrina e o plano aos quaes su-

(20) Act XV. 29.

(21) I. Cor. V. 5.

(22) Cap. 1 de c. n. jug. serv.

(23) Opor. tom I. col. 455.

(24) Can. *Interfectores et Can. Admonere*, quaest. 2.

(25) Cap. 30, quaest. 3, cap. 3 de *cognat. spirit.*

(26) Cap. 8 de *consang. et affin.*; cap. 1 de *cognat. legali.*

(27) Cap. 26 de *sponsal.*; capp. 13. 15. 29 de *sponsal. et matrim.*; et alibi.

(28) Cap. 1 de *convers. infid.*; capp. 5. 6 de *eo qui duxit in matr.*

(29) Capp. 3. 5. 8 de *sponsal. et matr.* Trid. sess. XXIV. cap. 3 de *reform. matr.*

(30) Cap. 7 de *divort.*

bordinastes quasi todos os vossos escriptos.

Dest'arte a vossa these distingue-se da monographia cheia de interesse que Walcknær consagrara á vida do grande fabulista, e da analyse delicada que M. Nysard fizera das suas fabulas immortaes, que, como vós, elle colloca na primeira classe de poesia franceza.

La Fontaine é considerado por vós como o producto natural e reunido do seu paiz, da sua raça e da sua epoca. Para justificar esta definição, descreveis mui graciosamente essa Champagne, sua patria, onde as montanhas são collinas, e os bosques bosquetes; onde pequenos ribeiros serpêam por entre *bouquets* de alamos com gracioso sorrir; uma calma comprimida e temperada; onde o sol não é tão activo como no meio-dia, nem a neve tão permanente como no norte; onde agradavelmente se vive, «*mangeant son bien avec son revenu, et s'en allant comme l'on est venu.*» Ahi o homem, dizeis vós, não é pesado, nem exaltado, mas d'um espirito leste, justo, avisado, prompto para a ironia. Para produzir um La Fontaine, acrescentaes, era necessaria a subtiliza, a sobriedade, a graça, a malicia, a arte e elegancia do seculo 17. Eis o vosso systema: paiz, raça, epoca, e conjuncto dos seus caracteres n'um typo escolhido.

Se ninguem ha que se atreva a advertir-vos que para produzir um La Fontaine basta transportar um Champañez, escolhido dos de ao pé de Versailles, ao tempo de Luiz 14, todos estão promptos a dar-vos applausos, quando, depois de haverdes classificado methodicamente a sua obra, cuidada com que o bom do velho nem sequer sonhára, exclamaes: «La Fontaine é o nosso Homero! Homens, deuses, animaes, paizagens, a natureza eterna e a sociedade do tempo, tudo se encontra em seu livrinho. Ali estão os camponezes, e a seu lado os reis; as camponezas ao pé das grandes damas, cada qual na sua condição, com seus sentimentos e linguagem. Ahi os personagens são geraes: o rei, o pobre, o ambicioso, o avaro, o amante; os successos grandes: morte, cativoiro, ruina. Em parte alguma desce á baixeza do romance realista e burguez. As nossas creanças apprendem La Fontaine de cór, como as de Athenas recitavam Homero. Difficilmente se encontra em França um escriptor grande que seja popular; os que são populares, não são grandes, e os que são grandes, não são populares; só La Fontaine é ao mesmo tempo popular e grande.» Todos estes pensamentos são ajustados, bem sentidos, e judiciosamente exprimidos; eis a verdadeira imagem de Taine.

A gente acaba de convencer-se, se-

nhor, quando, em conclusão d'este importante estudo, acrescentaes: «o homem é um animal d'especie superior, que produz (phylosophia e poesia, quasi pelo mesmo modo que o bicho da seda f z seu casulo e a abelha o seu alveolo.»

Quasi! Mas, porventura, cada abelha não produz seu mel, e cada bicho sua seda, escravos natos d'um trabalho invariavel, e encarregados de produzir um e outro um producto sempre identico, de que os seculos não tem mudado a natureza, nem ainda a quantidade?

Não abusemos da zoologia; bem longe nos levaria ella! Não nos persuadamos á primeira vista — seria um homem bem sem razão para nos pogar na palavra — que, se não é nem um Platão, nem um Homero, é porque não quiz, tendo sido creado em tudo como elles para produzir phylosophia e poesia.

Não percamos o respeito ao vulgo; quando este falta, ah! tudo se vai. Mostremos-lhe ao contrario toda a distancia que separa o commum dos homens dos eleitos da humanidade; pois não devemos causar-nos de repetir que a humanide tem seus escolhidos, a quem a virtude, o espirito de sacrificio, a bondade, a curagem, o genio, o trabalho assignalam, para lhe servirem d'exemplo, ou marchar á sua frente. Ah! se nos contentassemos com dizer que cada um de nós possui n'um grau já confuso, já sublime, a noção do infinito e o sentimento do ideal, estariamos d'accordo; mas as palavras phylosophia e poesia exigem factos completos, e por essa razão vão mais longe, e podem illudir. Se desde o tempo de Platão e Homero o Phedon e a Iliada estavam no cerebro de todos, para d'ahi os extrahir, era necessaria alguma coisa mais, que poucas cabeças gregas possuiram: era necessario ser Homero ou Platão.

Não queiramos persuadir o homem, predestinado por sua intelligencia a elevar-se de idade em idade, que elle se assemelha ao bicho da seda, ou a abelha, condemnados por sua natureza á immobibilidade.

(Continua.)

SECÇÃO LITTERARIA

Coisas

Se me não engano, uma das ultimas coisas que escrevi nas COISAS passadas, foi aquella que se póde resumir na asserção de que a instrucção sem a educação religiosa é coisa má. Aca-bo agora de ler o «discurso do gran-

de bispo d'Angers, Mons. Freppol, recitado no 1.º de fevereiro na egreja da Magdalena, em Pariz, em favor das associações dos obreiros catholicos»; e apraz-me confirmar o dito com algumas palavras do eminente Prelado, recommendando ao mesmo tempo o discurso inteiro (assim como tambem o que proferiu haverá 2 ou 3 mezes na cathedral de Nantes por occasião de se inaugurar o monumento funebre ao general Lamoricière,—discurso que a *Civilização Catholica* teve a optima lembrança de inserir traduzido no seu fasciculo 2.º deste anno).

Ouçamol-o todos com respeito:

«A instrucção sem moralidade não passa de uma arma aperfeçoada entre as mãos do crime. A instrucção não melhora os homens senão quando vae a par com os bons principios, as verdadeiras crencas, o amor do dever, a dignidade da vida e dos bons costumes,—coisas estas de que a religião é guarda incorruptivel. Eram instruidos pela maior parte esses desgraçados que ha pouco ensanguentaram a vossa cidade, incendiaram vossos monumentos e ordenaram a matança dos mais virtuosos cidadãos. Entre o selvagem ignorante e o selvagem instruido, a differença é que um não tem em suas mãos senão o arco e a frecha, ao passo que o outro sabe juntar-lhe a pólvora e o petroleo... Empregar-se-ha a força; mas a força é incapaz de resolver as questões de ordem moral. E por outra parte, quem póde estar seguro de ter sempre a força do seu lado? Quantas vezes se não tem visto na historia os vencidos da vespera tornarem-se os vencedores do dia seguinte? A solução, a verdadeira, a unica solução da questão social está na volta completa da classe obreira para Deus, para o Christo, Redemptor da humanidade; para a Egreja, a grande educadora dos povos; para a religião, fonte da civilização christã, para essa religião santa da qual podemos dizer com o Apóstolo que tem as promessas da vida prezente como as da vida futura:—*promissionem habens vitæ quæ nunc est, et futuræ* (1 Tim., 4. 8).»

Cahiu-nos a sopa no mel!... Ora vejiam o que nos veio ás mãos n'um dos melhores semanarios religiosos portuguezes (a *Civilização* de Ponta Delgada, n.º 207) em que jamais notamos escorregadela, p'r que tem andado sempre direitinha como seria mui desejavel que todos andassem:

«Do que é capaz um povo de atheus.

A' «Semaine Catholique» de Toulouse, escrevem que Monsenhor de Mermillod, achando-se de passagem pela

estação de Culaz, e durante os poucos minutos de parada do comboio, passava na esplanada, quando, ao passar proximo á locomotiva, se viu comprimentar pelo machinista.

—Conhece-me?—perguntou o bispo.

—Sim, porque fez beneficios á minha familia—respondeu o machinista—e nunca o esquecerei.

Travou-se conversa entre o bispo e o operario.

—Ah! dizia este, na nossa vida ha momentos terriveis. Quando se está com os pés no fogo e com a cabeça ao sol e á chuva, quando de dia e de noite se deve cortar o ar a todo o vapor, cegar-se para estar attento a tudo, ter os pulmões seccos, as pernas fracas, a saude arruinada, e isto para transportar, com a rapidez do relampago, uns poltrões, uns elegantes, que estendidos em bons cochins, dormem docemente n'esses carros, sente-se alguma coisa que sóbe á cabeça. Vem-nos a vontade de fazer saltar tudo pelos ares e vingarmo-nos assim da sociedade,

—Mas quem lh'o impede? disse o bispo—o medo talvez d'uma sentença?

—Ai! não! respondeu aquelle homem, porque no desastre deixaríamos a propria pelle. Mas pensa-se que ha talvez um Deus, o que tudo se não acabaria ali.

Estas palavras merecem a attenção dos accionistas das companhias de caminhos de ferro e de vapores, assim como dos que commodamente viajam d'um e outro modo. **UM POVO DE ATHEUS É CAPAZ DE FAZER SALTAR NÃO SÓ QUALQUER COMBOIO, MAS TODA ESTA SOCIEDADE.**

O que dizem a isto os snrs. *macaqueiros*, positivistas e materialistas *ilustrados* da nossa Universidade e de outros *curros* mais ou menos *superiores*?

Dariamos uma navalhinha de cabo de pau de laranjeira a quem nos indicasse o argumento de que se poderiam servir suas excellencias academicas para converter aquelle homem.. *credulo* á estúpida sciencia da incredulidade, dando garantias porém de que se não tornaria um monstro.

Aos doutores *transcendentes* a quem nos referimos não nos atrevemos a pedir a revelação do seu segredo. Seria tempo perdido.

Ha tempos publicamos tres noticias da *India Catholica* (outro semanario precioso; mas este de Bombaim) em que se provava que os protestantes inglezes estão loucos não só respeitando, mas até protegendo o «clericalismo»—vulgo Catholicismo—na India, chamando para alli frades lazaristas, je-

suitas, irmãs da caridade, etc., sem fazerem o minimo caso das *ideias*, dos *principios* e das *convicções* dos nossos liberaes.

Hoje recebemos um n.º do mesmo periodico o de 8 de janeiro chegado pela ultima mala, com outras tres noticias não menos curiosas, que veem corroborar a nossa these relativamente áquelles *reus reincidentes* de lesoliberalismo.

Ora oiçam a tal *India Catholica*—portadora de *más novas*—e pasmem:

«O governo da India acaba de expedir uma circular aos ex.^{tes} e rev.^{tes} Vigarios Apostolicos da India, convidando a exprimir sua opinião sobre as medidas que se devem tomar para adiantar a educação da classe européa e eurasiatica na India.

«Sobem ao numero de 370 as meninas que estão sendo educadas no convento de Santa Maria em Madrastra, sob a direcção das freiras da Presentação. 120 dellas são alumnas internas. Lady Mary Granville, filha do Nobre Duque de Buckingham Governador de Madrastra, presidiu ha duas semanas á distribuição dos premios n'esse instituto e ficou summamente captivada com tudo o que presenciou.

«O jesuita padre Lafont, antigo reitor do Collegio de S. Francisco Xavier, de Calcutta, acaba de ser condecorado por S. M. a Rainha Imperatriz com a insignia da Ordem do Imperio Indico, em attenção aos serviços que S. Rev.^{ta} prestou á India pelos seus esforços em promover a sciencia.

«Pedimos aos nossos collegas no reino Fidelissimo para que não paguem esta noticia lá; pois com certeza hade arrancar aos *ennes*, *erres*, *commercieiros* e quejandos, a exclamação: «Estes inglezes perderam de todo o juizo.»

Ali ficam as palavras textuaes do jornal de Bombaim,—já se vê, comunicadas em segredo aos nossos leitores para obedecermos á recommendação do prezado collega indiano.

Mais outra coisa:—O peor é que a molestia dos protestantes inglezes parece que se vac communicando até aos pagãos lindús!...

Não ha que ver, o mundo está perdido!

Ainda não ha muito que um ricasso indio desembolçou um bom par de contos de reis para enriquecer de novos instrumentos scientificos o observatorio astronomico da sua patria, dirijido por jesuitas. Agora, no mesmo periodico de que extrahimos as tres precedentes noticias lêmos mais esta:

«O Maharajah de Hutwa fez uma

doação de 600 rupias (60 libras esterlinas) a varios institutos catholicos de caridade em Calcutta.»

Com effeito o Catholicismo «está muribundo»... «morreu»!...

Quem vive é... Comte e Darwin; para fazerem rir a gente—não *macaqueira*, por supposto!..

Ora venha de lá isso! O bispo de Piacenza foi elogiado em Montecitorio e proposto como modelo por um deputado italianissimo. A «Unità Catholica» escreve:

«Finalmente recebemos o diario official onde vem o discurso do digno deputado Savini de 21 de dezembro, e para a historia archivaremos algumas de suas palavras textuaes:

«Devemos fazer alguma coisa pelos «desgraçados famintos, o não devemos «permitir que o Bispo de Piacenza, «tenha mais coração do que nós (*Movimentos*)... aquelle Bispo distribue «mil rações de sopa aos pobres (Aqui a «Unità» abre um parenthesis e accre-centa:— «O deputado Sabini devia dizer que o Bispo de Piacenza distribue todos os dias *duas mil e seis centas rações*...»).—«Senhores, prosegue Savini, eu diante d'aquelle padre (sabeis que não sou *reu* de clericalismo) inclino-me, por que respeito «o seu apostolado sublime; e se todos os padres se assimilhassem a elle «far-me-hia clérigo (*risos*)» (Atti *Ufficiali della Camera*, p. 9:356, col. 2.º).

Na fome por que estão passando muitas povoações da Italia ainda são os bispos e os perseguidos frades que lhes valem. Ha conventos de capuchinhos,—conventos de contra-bando perante o governo—, onde se distribuem diariamente (como em Bolonha) de 1,000 a 2,000 rações, além d'outros *aclegos*,—de roupas, lenha, etc.,—que os pobres sabem agradecer aos frades espoliados ao passo que rogam *accidenti* aos governantes expoliadores.

Depois venham-nos dizer que o Catholicismo ou *clericalismo* está por um *triz*.

Ex operibus eorum...

Tomemos nota da «nota que predomina na Italia» official ou italianissima, segundo o insuspeito «Corriere della Sera» (n.º 349). Eil-a no texto original, que felizmente não precisa tradução:— *La nota che predomina ora na in Italia, convien confessarlo, è una nota triste, è la nota della sconforto.*

Naturalissimo!.. Pois o que esperava? *Peccatum meum contra me...*

Acaba de se publicar o 3.º vol. do «*Chrysostomo Portuguez ou o P.º Antonio Vieira da Companhia de Jesus*

n'um ensaio de eloquencia, compilado de seus sermões segundo os principios da oratoria sagrada pelo P.^o Antonio Honorati, da mesma Companhia.»

Este volume, (um dos mais importantes), que comprehendendo os seus sermões panegyricos de Nossa Senhora e dos Santos, é offerecido ao snr. arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, e traz como introdução um trabalho mui notavel que tambem se publica á parte em fasciculo 1). com o titulo de—«O Methodo oratorio do Chrysostomo Portuguez defendido para ser imitado ainda nos panegyricos—discurso apologetico do auctor da compilação.»

Se a pureza de linguagem, a propriedade do estylo, a solidez e abundancia de razões e finalmente a erudição vasta, mas despretenciosa e de boa liga, são qualidades que tornam recommendavel uma obra deste genero, cremos que ninguem negará o titulo de excellente ao discurso do revd.^o padre Honorati, que bem merece ser lido e estudado sobretudo pelos que se dedicam ao ministerio do pulpito.

O Chrysostomo Portuguez tem sido encomiado por pennas mui competentes. Cada vez nos parece mais digna de apoio esta magnifica e vasta compilação dos sermões do grande Vieira.

UM VIMARANENSE.

VICTOR HUGO E AS SUAS THEORIAS

Instrucção, eschola—é o brado de salvação das sociedades modernas, o thema forçado de todas as opiniões, a senha controvertida de todos os partidos. Mas qual é essa instrucção tão reclamada como salvação das sociedades? e que contém os livros que se multiplicam por toda a parte? O que apregoa o jornalismo nos milhões de folhas que espalha diariamente aos quatro ventos? Homens de boa fé e moralistas sinceros já haviam dito que a instrucção, a verdadeira instrucção, é a alliança da sciencia com a virtude, mas o maior poeta-philosopho dos tempos modernos, Victor Hugo, veio affirmar-nos com a dupla auctoridade da sua palavra (que alguns reputam mais infallivel que a do Vigario de Christo) veio, não ha muito, dizer-nos, suppondo que nos dizia uma verdade incontrouersa, que *instruir é moralizar e que a instrucção é virtude!*

Será possivel empanar a sombra de um tão grande vulto litterario a evi-

dencia dos factos modernos? Pois não é exactamente a discordia da sciencia com a virtude a causa dos males presentes? Certamente.

Se a affirmativa do grande sabio fosse um axioma, o mundo actual seria o mais perfeito dos mundos possiveis. Nunca em seculo algum a sciencia progrediu mais, mas nunca tambem a não ser nos tempos ominosos do antigo paganismo, a moralidade progrediu menos.

Eu não levaria a minha ouzadia a ponto de contradizer as affirmações solemnes do grande personagem, mas com quanto eu respeite muito o saber do grande homem, do grande luzeiro do seculo, a experiencia cuja auctoridade é superior, diz-me com a grande eloquencia dos factos que ha homens iguorantes e bons, como os ha maus e instruidos.

A instrucção sem a virtude é sempre mesquinha e esteril senão muitas vezes funesta.—Assim o considera a parte sã da humanidade em França, assim o pensam e entendem aquelles a quem não cega o orgulho do saber e aquelles emfim que entendem a palavra liberdade na sua verdadeira accepção. Pois, porque é que a França se levantou como um só homem contra o projecto da lei de Ferry, o ministro dos cultos da moderna republica, que queria prohibir os paes de familia de darem seus filhos a educar nos collegios catholicos, nos institutos religiosos? Porque é que essa nova lei das rollhas foi alli durante tanto tempo objecto de tantas e tão acrisoladas discussões na imprensa e no parlamento? Porque tem sido da parte dos francezes tamanha a animadversão contra essa medida escandalosa, que tende a roubar aos paes de familia o direito, a liberdade de mandarem educar seus filhos onde muito bem quizerem?

Porque essa lei tende simplesmente a realizar o ideal que Victor Hugo quer fazer passar como uma verdade axiomatica: *instruir é moralizar!*

Se milhares de factos de todos os tempos hoje não estivessem affirmando o contrario, a França christianissima não se teria ha tempos levantado em pezo contra o projecto de lei de Ferry.

E' que os francezes sabem que os seus homens de governo não modelam as suas theorias pelo programma da religião catholica; e por isso já presumem o que lhes viria a succeder, se seus filhos fossem só a ensinar a lyceus, collegios e universidades officiaes.

Pois porque é que os homens da liberdade, os que não tem na bocca senão baforadas de liberdade não que-

rem o ensino clerical, o ensino catholico, o ensino religioso?!

E' porque aquelles homens querem acabar com tudo. Desejariam, se lhes fôra possivel, abolir a idéa de Deus na razão e no pensamento, riscar a da sciencia e da natureza e desterrar a da sociedade e da humanidade. O mundo sem Deus, o homem sem alma e a educação sem crenças, a sociedade sem religião. Onde não haja temor de Deus, não ha solida instrucção. De que vale instruir os povos nos variados ramos dos conhecimentos humanos, sem lhes ensinar as maximas santas do Evangelho, — a primeira e a mais provoitosa de todas as sciencias? Que progresso é este, que liberdade é esta que vem trazer-nos a decadencia e a escravidão?...

Ha annos que do alto da tribuna politica d'uma grande nação um consciencioso patriota deixou cair esta cruel verdade: «O paiz tem sêde de moralidade!»

Nós dizemos outro tanto. Portugal, como todas as nações da moda na Europa, tem sêde de moralidade. E' preciso que essa sêde se apague para que os povos e imperios cumpram o seu destino providencial.

Progredir, sim, progredir, sempre, mas progredir para o bem e para a virtude.

E' incompleta, senão falsa e perigosa toda a instrucção, se o sentimento religioso, se a idéa de Deus a não acompanha.

Civilização e sciencia nada são para o bem das sociedades se não ajustam o caracter do homem á dignidade da sua missão na terra e não acrisolam os seus costumes para dar ás suas acções a feição e o lustre do dever cumprido, da honra salva e do patriotismo satisfeito e assinalado.

20 de Fevereiro.

Prior GRAÇA.

A GIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

V

(Continuado do n.º 8)

Já a aurora descerrava com suas nevadas mãos as rozadas cortinas do

(1) Preço 50 rs.—Na loja dos Editores Mattos Moreira e Comp.—Praça ed D. Pedro, 67. Lisboa.

horizonte quando o velho abriu os olhos e os fixou na bella figura que permanecia, velando, junto ao seu leito, como o genio da caridade.

—Como se encontra, bom homem? perguntou Roberto, aproximando-se d'elle com uma taça de tizana.

—Muito melhor, meu generoso benfeitor, respondeu elle; e tanto é verdade o que vos digo, que apenas raia a aurora abandonarei esta casa.

—Isso é impossivel! exclamou o joven. Estaes ainda demasiadamente prostrado para que penseis em sair d'aqui.

—E' que estes retiros, apezar do muito que vos devo, são-me em extremo dolorosos, respondeu o peregrino, de envolta com um suspiro tão profundamente sentido, que parecia arrancá-lo do fundo d'alma.

—Será possivel! — murmurou Roberto, maravilhado. Será possivel que vós aqui tenhaes estado alguma vez?

—Não, joven, respondeu o peregrino; mas apezar d'isso reconheci-os á primeira vista, pela pintura que d'elles me haviam feito.

A minha historia é bem triste, continuou em quanto se recostava nas almofadas do leito. Vou contar lh'a, porque talvez encontre n'ella alguma licção que possa aproveitar-lhe.

Roberto, creança ainda, e tímido como quem não conhecera ainda o mundo, guardou silencio, por não saber que responder.

—Não tardará que entreis n'essa idade em que as paixões dominam em nós, e para as domar careceis de empregar toda a força da mais austera virtude. Escutae a relação da minha triste vida, que vos offereço como uma licção que para o futuro podereis aproveitar.

Francez e filho d'uma familia illustre, fui adorado por meu pae e idolatrado por minha mãe, que jamais souberam reprimir um só de meus desejos, achando-os todos, ainda os mais exigentes, os mais rasoaveis possiveis e assás proprios da minha idade.

Ao completar vinte annos perdi meu pae, e mezes depois teve minha mãe de juntar á dôr que ainda sentia, a de ver-me cegamente apaixonado por uma joven hespanhola, cujo character fero e dominante lhe era bem conhecido desde alguns annos, por isso que conservava relações com sua mãe.

Foi em vão que empregou todos os meios de que pôde dispor uma mãe para me dissuadir; a todo o carinho materno fechei os ouvidos. Acostumado desde meus tenros annos a ter como si a minha vontade, esqueci-me dos deveres de filho e declarei-lhe que renunciaria antes ao seu amor

de mãe que ao d'aquella mulher, a quem ella detestava.

Minha desgraçada mãe cahiu enferma; mas eu, surdo á voz da natureza e da minha propria consciencia, casei-me com a mulher que amava.

O meu casamento foi triste e solitario, o que sobre-modo me contristou; sentia a ausencia de minha mãe, e a sua enfermidade, causada por mim, e que se agravava mais n'esta occasião, parecia-me um presagio funesto para o porvir da minha vida.

Ah! não me enganava! Minha mãe deixou esta vida tres dias depois da minha boda, victima da ferida cruel que eu lhe havia aberto no coração, com a agudeza de minhas palavras.

Ainda assim, poucas horas antes de morrer, chamou-me a seu lado, abraçou-me e com este ultimo abraço me deu a sua benção e o seu perdão.

—Meu filho, me disse com debil voz; queira Deus que sejas feliz, tanto quanto eu lhe peça no coo. Que Elle te não desampare, serão os meus rogos; mas receio bem que a desgraça não tarde em cair sobre ti.

Ditas estas palavras deixou de existir!

Aqui callou-se o peregrino para deixar correr por suas pallidas faces uma torrente de lagrimas.

Roberto olhava-o profundamente enternecido; a vista d'aquella velho chorando, despedaçava-lhe o coração sensível e bom por natureza.

O remorso, continuou, vive ainda hoje em meu coração, tão pezado, tão doloroso como no dia em que vi cercarem-se os olhos de minha mãe. E' que as feridas que o remorso abre em nosso coração não cicatrisam senão quando a louza do sepulchro cáia sobre nós.

Minha esposa era rica, ainda que não pertencia á nobreza, como eu; nascida da classe media possuia muitas virtudes, que se haviam desenvolvido, graças a uma educação solida e brilhante.

Apezar d'essa educação não tardou que o seu character despota e dominante se fizesse sentir a quantos a rodeavam. A lei da casa eram os seus caprichos, e isto, que não offerecia inconveniente algum para as pessoas que nos serviam, para mim era um tormento espantoso, porque estava acostumado a não obedecer a outra vontade que não a minha.

Quando duas vontades igualmente impetuosas se chocam, o resultado é sempre triste, se um d'elles não dá passagem ao outro; nenhum de nós era capaz de ceder, e d'aqui, o fugir em breve de nossa casa a paz.

Este defeito que em mim fôra occasionado pela demasiada ternura com

que meus paes me crearam, era em minha mulher uma lei invencivel de sua natureza; e foi por isto que dentro em pouco principiei eu a ceder, a ceder até que, passado um anno, cedia a todos os seus caprichos.

Mas ah! que cruel martyrio principiou então para mim! Sem vontade propria em nenhum dos instantes de minha vida, tive que renunciar á amisade e ao mundo, apezar de viver em Pariz, centro da mais escolhida sociedade. A ira, serpe que vae crescendo cada dia e que devora as mais bellas flores da nossa existencia, levava aquella mulher a fazer-se infeliz, roubando-me assim toda a felicidade.

Nem a maternidade pode dulcificar aquelle character; com o nascimento d'um filho, pude, porém considerar-me menos infeliz, porque depusitei n'elle toda a minha ternura.

Quatro annos depois um outro filho me deu minha esposa. Era uma menina, mas, por um capricho cruel do character de sua mãe, tornou-se o objecto de todo o seu odio, de todos os seus rancores.

Dizia que se parecia com minha mãe, que tanto a odiava, e por isto, n'aquella alma arida e negra, brotou o relampago do aborrecimento para com a pobre creança.

Então quiz sublevar-me contra a tirannia que pezava sobre minha innocente filha, confiada aos cuidados estranhos d'uma ama.

Só me era dado o vel-a quando ás escondidas me dirigia á casa onde ella estava, e isto guardando o maior segredo, porque era para minha esposa uma offensa mortal o eu pensar n'aquella innocente creatura.

O que é certo é que o meu character tão activo, e indomavel com meus paes, tornou-se debil até tocar o extremo da mais culpavel condescendencia com minha esposa; abandonei o proposito que havia tido de fazer crear em minha casa a filha adorada, como o dever e a natureza me aconselhavam, e resignei-me a continuar a vel-a a occultas de sua mãe.

Assim passaram cinco annos, ao fim dos quaes, e para nos furtar a uma vida de amarguras, disse a minha mulher que ia emprender uma longa viagem. A sua surpresa ao ouvir tal noticia foi extraordinaria, e mais ainda quando acrescentei que era á Italia o paiz onde me dirigia, e onde levava seus filhos.

—Poderás levar tua filha, me contestou com sua costumada frieza; mas não a teu filho.

—Leval-os-hei a ambos.

—Eu te asseguro que não será assim.

— Havemos de ver quem vence, respondi eu entrando no quarto em que dormiam os pequenos, pois eram dez horas da noite.

Porém ella, mais rapida que o pensamento, correu adiante de mim, fechou a porta, guardando a chave.

Dei um passo para ella com modos ameaçadores; mas conteve-me o sardonico sorriso que lhe veio aos labios, bem mais terrivel que as maiores ameaças.

Eu, que conhecia aquelle caracter de ferro, tremi pela vida de meus filhos, e resignei-me a esperar que ella dormisse para lhe tirar a chave da porta.

Foi em vão, porém, o meu esperar, porque passaram horas umas apoz outras, e não se deitava; ás quatro horas da manhã permanecia ainda sentada em uma cadeira, immobil, impassivel e decidida, ao que parecia, a fazer-me perder a paciencia, obrigando-me a desistir do meu intento.

Não obstante, estava empenhada a minha dignidade de homem, e mais ainda o porvir de meus filhos, por isso não cedi.

(Continua).

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

OS ANJOS DO LAR

Eu comparo este livrinho a um pequeno ramilhete de flores d'altar, todas perfumadas da mais pura inspiração christã. Deixem-no entrar em todos os lares sem receio, escutem-lhe os conselhos; a sua voz é suave como a d'um amigo, casta como a dos anjos, insinua-se como um balsamo, vivifica como um orvalho do ceu. É a quinta essencia do Evangelho, traduzida na linguagem de S. Francisco de Salles. Sem anchos apparatus de erudição, sem filigranas de estylo pretencioso, encanta pela concisão do seu dizer, pela singeleza da sua fórmula, pela sobriedade das suas maximas.

Não deita além de cincoenta paginas, porque sabe ter todo o comendimento dos amigos que queiram ser uteis sem serem importunos.

Depois de o lêr é impossivel não amar a indulgencia, os pequenos sacrificios, a caridade, o reconhecimento, a resignação, a piedade. Fica-se com pena de dizer adeus a esse anjo que se despede de nós com tanta doçura nos labios, e tão puro amor no coração.

A' traductora e ao editor os nossos mais sinceros emboras.

P.º SENNA FREITAS.

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARIO:

O primeiro orador do mundo; tudo es-pantado; os jornaes em extasi; quem é o orador na opinião do Commercio de Portugal, e na do P.º Senna Freitas.—Um bispo que faz a felicidade do rebanho que apascenta.—Uma noticia incompleta, nós completamola, procedimento indigno.

Cesse tudo o que a musa antiga canta. Que outro vulto mais alto se alevanta

Quando Camões escrevia estes dois versos é que já pensava em que um dia o sr. Antonio Candido, (que não tem culpa em o terem feito padre) havia de lançar por terra, tombadas de seus pedestaes, as estatuas de todos os oradores conhecidos como os maiores desde os primeiros tempos até hoje, para se collocar no lugar de todos elles, tal qual o caricaturou o Antonio Maria, sentado n'uma cadeira, mãos sobre as pernas e cabello apartado ao meio da cabeça á guiza de barbeiro em dia santificado.

Pois que! Que são esses afamados oradores, Lamartine, Castellar, e tantos outros que honraram e honram ainda a terra em que nasceram, e que encheram, e enchem ainda o mundo com o seu nome! Que são esses nadas comparados com o notavel orador, que fez correr para S. Bento, quinze dias os politicos de todas as nações, os escriptores de todas as redacções, as damas de todos os casarões, e tudo aquillo que acaba em desassim como maçães, etc. etc. ?

O correspondente do «Commercio do Porto», esteve quasi a fazer do sr. Antonio Candido um deus, e todos os escrevinhadores, mais ou menos acabrestados a poste em volta de que gira o sr. dr. em Direito, dançaram na mesma roda, porque escutavam todos a mesma musica. Pareciam manequins a quem fazia dançar a mesma gaita.

Mas quem é esse Antonio Candido, perguntará o leitor, e com muita razão ?

O dr. Antonio Candido descripto pelo «Commercio de Portugal» é:

«Antonio Candido, ainda tem muito a corrigir; os seus gestos são de

orador sagrado; o elevar os braços á altura do peito, faz pensar que a sobrepelliz o incommoda.

A estreia de Antonio Candido não devia agradar ao partido, a quem elle deve a sua entrada na camara. Antonio Candido é pura e rasamente republicano, affirmou-o pelo enthusiasmo com que pronunciou a palavra—liberdade—e ainda querendo mostrar que Portugal, não era um paiz pequeno, senão geographicamente, authorisou-se com um dito de Victor Hugo, que para Antonio Candido não é um poeta, mas sim um propheta.

Mais, a respeito de coisas pequenas, que se tornarão grandes, citando Jerusalem, esperava-se que entrasse em Roma; não senhor, torceu caminho, e foi apparecer em Athenas; pois eu gosto mais de Roma; não admira, sou latino, devo aborrecer o grego.

Emfim Antonio Candido definiu-se, é orador e republicano, mas de sr. escola muito mais avançada da do sr. Rodrigues de Freitas, que cede diante de um codigo de civilidade.

Antonio Candido não se cohibe de pronunciar na camara de um paiz monarchico, o nome de Gambetta, para o elogiar; citando ao mesmo tempo Cassagnac, para aproveitar a occasião de censurar no individuo o sistema de que elle é representante.

Vou terminar (como dizem os oradores), antes porém de o fazer, seja-me permittido o fazer uma. . . parabola —o partido da Granja, necessitando de um cão para levantar a caça, comprou um cochorro, e em vez de um perdigueiro saiu-lhe um Leão.

Antonio Candido voltará a fallar, mas posso affiançar que o sr. Mariano já lembrou que era conveniente acainmal-o, com uma . . . mitra.»

Antonio Candido descripto pelo padre Senna Freitas (1) é o seguinte:

«A's exequias comedia mingua um intrepete, um actor. A loja soube perfeitamente escolhel-o. O orador da circumstancia foi o sr. padre Antonio Candido Ribeiro da Costa, que ainda ha pouco fez a oração funebre do duque de Loulé, ex-grão mestre da maçonaria em Portugal; portanto, actor da comedia já habilitado e perito.

É um acto que para falta completa de character e dignidade pessoal, como sacerdote, não precisa de nenhum outro toque de pineel.

Sua rev.ª havia necessariamente

(1) Veja-se paginas II e seguintes do opusculo — Os Nossos bispos do Continente, edição de Teixeira de Freitas, preço 120 rs. para os assignantes do *Progresso Catholico*.

ter consciencia de que rebaixava, muito melhor, de que profanava a pudica e santa gravidade do pulpito, fazendo d'elle uma tribuna academica e politico-liberal, e de si proprio uma especie de personalidade irresponsavel e impassivel, que dá o osculo da paz ao homem que ria com um riso mephistophelico da sua nudeza, meu pobre collega, depois de lhe ter rasgado a sotaina d'alto a baixo.....

Sua rev.^{ma} é um leigo tonsurado. concordo: chegará a ser sacerdote? Sacerdote por atacado, admitirei ainda, mas não desconcordará tambem commigo que se mostra maçon a retalho.

Que o seja não affirmo, que melhor faria se o fosse?

Ahi fica o MAIOR ORADOR DO MUNDO pintado por dois jornalistas: um que é da mesma escola e outro que é... o padre Senna Freitas.

Mas os leitores ficam-no conhecendo. não ficam?

Já que nos occupamos d'un padre digno de lastima, occupemo-nos agora d'un bispo digno do respeito e da admiração de todos os bons catholicos, e para isso demos a palavra ao nosso presadissimo collega, a «Verdade» do Funchal:

«No dia 22 do corrente (mez de Fevereiro) completou-se o terceiro anniversario da chegada de S. Ex.^a Revm.^a o Sr. D. Manuel Agostinho Barreto a esta ilha o no dia 25 o da sua entrada solemne na capital da diocese.

Estes dois factos são por certo memoraveis para nós, porque nos recordam o começo de uma epocha gloriosa para a egreja funchalense.

O Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, tem sabido dirigir os destinos d'este bispado com a maxima prudencia e com grande intelligencia

O seu coração bondoso e o seu character affectuoso, toem-lhe grangendo a estima do seu rebanho, sendo o seu amor pelos pobres e o seu cuidado pela boa educação dos novos clérigos, qualidades que muito sobressahem na pessoa de S. Ex.^a Revm.^a, não tendo lugar menos distincto o seu desejo pelo aperfeiçoamento espiritual e intellectual do seu clero e de todos os seus diocesanos.

Devemos, portanto, exultar de prazer nestes dias memoraveis que marcam uma tão auspiciosa epocha.

A Associação Catholica do Funchal, nunca poderá esquecer a protecção que o prelado funchalense lhe tem dispensado e a bondade com que S. Ex.^a se digna assistir ás suas sessões e a tomar parte nos esforços que

ella faz para prosperar e tornar fecunda a sua acção benefica.

E não se limita a nossa gratidão a estes grandes serviços, vae mais além, estende-se ao bem geral, ao muito que S. Ex.^a tem feito pelo bem da religião e da sociedade nesta sua querida patria adoptiva.»

E que maiores beneficios e melhoramentos se podem desejar do que aquelles que se dirigem ao espirito dos povos e que tendem a melhorar as suas condições moraes e a tornar mais frequentes as suas relações com o Ente supremo!

O espirito culto do nosso amantissimo Prelado tem podido prover de remedio a muitos males e a sua caridade procura extinguir outros ainda existentes

E' pois dever nosso elevarmos ao céo nossas preces para implorarmos de Deus o grande beneficio de conservar por muitos annos n'esta diocese o illustre Prelado que hoje felizmente preside aos destinos d'ella.

Elevemos nossas vozes ao Senhor Deus de misericordia, pedindo-lhe queira dar a S. Exc.^a Revm.^a muita saude e vida para poder cumprir segundo as aspirações do seu magnanimo coração, os deveres do seu alto e espinhoso ministerio.

E mais uma vez entoemos um cantico de acção de graças por Deus nos ter dado tão bom e zeloso pastor.»

A redacção do *Progresso Catholico* faz completamente seus estes ardentés e tão justificados votos da igreja funchalense, expressos pelo órgão da *Verdade*. A aquisição que aquella fez do Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. D. Manoel Agostinho Barreto para seu Prelado, foi uma preciosa benção do céo; maior do que ella só pôde sê-lo a prolongada conservação de uma saude toda votada á acção da caridade e do mais puro e esclarecido zelo apostolico.

J. DE FREITAS.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

I

Bibliotheca das familias catholicas — Os anjos do Lar, versão de F. M. de S. C — Guimarães. livraria editora de Teixeira de Freitas — 1 pequeno volum.

Apraz-nos dar principio a esta secção, annunciando uma das publicações interessantes que em o nosso paiz se toem feito.

Do titulo—*Bibliotheca das familias catholicas*, já se pôde avaliar o que se-

rá. O editor é o mesmo do *Progresso Catholico*, o que basta para se poder dizer que esta publicação correrá com todas as licenças.

Occupamo-nos do 1.º voluminho, que leva por titulo—*Anjos do Lar*, e que, como o editor diz n'uma introdução com que abre o livro, é traducção d'uma senhora. D'aqui nossos emboras á auctora da esmerada traducção.

Dividido em seis partes encimada cada uma d'ellas com estes poeticos e graciosos titulos: O anjo da indulgencia; O anjo dos pequenos sacrificios; O anjo officioso; O anjo do reconhecimento; O anjo da resignação, e o anjo da piedade, tem por fim esta pequena brochura fazer de cada membro da familia um dos anjos que tão bem descriptos são no correr do livro-to de que tratamos.

E, se assim fôr, se ao menos em cada familia onde o livro tiver entrada se instalar um dos seis anjos, que do serviços não prestam os *Anjos do Lar!* Se cada familia tiver em meio de si um d'esses anjos, personificado em um de seus membros, que felicidades, que sorrisos, que esquecimento de todas as amarguras!

Recommendar, pois, a leitura d'este pequeno livrinho a todos os assignantes do *Progresso Catholico* é dever nosso, é dever de todo o catholico, porque todos toem obrigação de praticar a caridade; e o recommendar um bom livro, é uma obra de caridade.

Depois os *Anjos do Lar* são a guarda avançada d'uma serie de livrinhos bem dignos da estima de todos os catholicos; e não lhes faltará essa estima, cremol-o em Deus, por que não pôde faltar a quem leva na frente frente seis formosos anjos.

O preço d'este volume é de 80 reis.

O n.º de paginas variará entre 64 a 100.

O 2.º da collecção está no prélo, e é devido á penna do revd.º padre Carlos Rademacher, reproducção d'uns artigos publicados no 1.º anno do *Progresso Catholico*.

O 3.º será uma traducção, de que já vi as primeiras tiras, e que me parece será o livro de mais utilidade para as familias, e com especialidade para as damas, que se tem publicado em Portugal.

Ajudae a empreza, minhas leitoras, que a vós principalmente interessa mais de perto esta publicação.

O presente livro é offertado pelo editor aos correspondentes do *Progresso Catholico*.

A. TEIXEIRA.